

38.

## IGREJA DE SANTO ANDRÉ DE VILA BOA DE QUIRES



Rua de Santo André  
Vila Boa de Quires  
Marco de Canaveses



41° 12' 29,38" N  
8° 12' 5,16" O



918 116 488



Sáb. 16h  
Dom. 8h



Santo André  
30 novembro



Monumento Nacional  
1927



P. 25



P. 25



x

Certamente fundada antes de 1118, data em que se documenta o “monasterium que dicent Villa Bona de Queiriz”, a Igreja que hoje encontramos é seguramente posterior a esta data, erguida no segundo quartel do século XIII. É com base na qualidade plástica dos elementos estilísticos remanescentes e do desenho alfabético das siglas que aqui surgem (destacando-se de forma notória as das aduelas do portal sul) que devemos compreender a arquitetura românica desta Igreja.

Com nave única e capela-mor retangular, a fachada principal de Vila Boa de Quires afirma-se ao nível da composição como uma das mais elaboradas da região do Baixo Tâmega: compõe-se de dois registos, um composto pelo portal e outro pelo janelão que se lhe sobrepõe. Este esquema encontra um paralelo em Barrô (Resende) (p. 130) e deriva da influência que a composição da fachada da sé de Coimbra teve ao seu tempo. A janela mainelada, dotada de tímpano com cruz vazada, é enquadrada por arquivoltas alongadas, assentes sobre colunas com capitéis esculpidos. O portal de Vila Boa de Quires está estilisticamente muito próximo do principal do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90): os capitéis ostentam

## OS PORTOCARREIROS

Epícentro da influência dos Portocarreiros - linhagem de particular importância no contexto de afirmação senhorial do século XIII -, o couto de Vila Boa de Quires assumiu-se, na Idade Média, como um polo de onde disseminaram interesses familiares e eclesiásticos, conservando-se nesta freguesia testemunhos muito expressivos do poder desta nobreza local *terra-tenente*, de que são obras incontornáveis a torre dos Portocarreiros (de que hoje só resta a memória) e a exuberante fachada da residência palaciana ("obras do fidalgo" ou "casa inacabada de Vila Boa de Quires") (p. 276), cujo mentor se crê ser António José de Vasconcelos de Carvalho e Meneses (1714-1799).

motivos simétricos de sabor vegetalista e estilizado, bem presos ao cesto e talhados a bisel, e as mísulas assumem a forma de cabeças de bovídeos. Integra-se, pois, a Igreja de Vila Boa de Quires dentro da linguagem que tem vindo a ser designada como "românico nacionalizado".

No entanto, a apreciação desta fachada não pode ignorar o facto de que, em 1881, além de se ter edificado a torre sineira, se prolongou a nave da Igreja em cerca de 10 metros, deslocando assim a fachada, que foi conservada dentro da sua linguagem primitiva.





Na fachada sul sobressaem, desde logo, três arcossólios, quebrados, ao nível térreo da nave, mostrando tampas sepulcrais cuja forma não corresponde ao espaço do arco. Imperam pela ausência de motivos decorativos e identificadores de quem neles se fez sepultar. Digno de nota é o portal sul ricamente ornamentado e também estilisticamente ligado ao românico que irradiou de Paço de Sousa: os capitéis talhados a bisel desenham motivos vegetalistas e fitomórficos e dois animais afrontados de influência oriental. Cabeças de animais sustentam o tímpano liso. As impostas são decoradas com motivos vegetalistas comuns ao românico em geral.

Em Vila Boa de Quires, os cachorros são tendencialmente lisos, embora no lado norte se destaque um com a forma de cabeça de bovídeo e um outro com um rosto humano. Este lado da fachada é extremamente simples e o portal resulta de uma intervenção feita durante a Época Moderna. O cuidado posto nos remates dos paramentos posteriores do edifício denuncia a

qualidade do *atelier* (ou *ateliers*) que trabalhou na fábrica românica de Vila Boa de Quires. A empena posterior da nave é pontuada por pérolas e a cruz terminal da capela-mor mostra-se patada. O “Monasterii Ville Bone de Queeriz” ainda está ativo em 1258, sendo que só em inícios do século XIV, antes de 1320, é que esta Igreja foi convertida em paroquial. Foi, portanto, enquanto igreja monástica que Vila Boa de Quires foi erigida, daí se compreendendo melhor a qualidade e o carácter elaborado da sua fábrica.

Ingressemos no interior. A sobriedade e o despojamento da nave contrastam violentamente com a cor da capela-mor. Quebrado e composto por três arquivoltas, o arco triunfal ostenta uns capitéis muito originais, nos quais estão esculpidas palmetas e sereias que entrelaçam as caudas, numa escultura pouco saliente e com uma distribuição pouco adaptada à forma do capitel, revelando uma mão diferente da que concebeu os portais desta Igreja. A policromia deste arco resulta de uma intervenção recente e pouco erudita.



## AS ALTERAÇÕES DO SÉCULO XIX

Atente-se à descrição que Pedro Augusto Ferreira, o Abade de Miragaia, continuador de Pinho Leal na redação do *Portugal antigo e moderno...* nos faculta: "§ Como a igreja fosse muito pequena para a população actual d'esta parochia, ampliaram-n'a recentemente, acrescentando-lhe quasi o dobro em comprimento, prolongando-lhe as paredes lateraes até absorverem a galilé ou alpendrada que tinha na frente, e que era um pouco mais baixa do que a igreja, tapada pelo sul pela parede, – pelo norte e poente firme em columnas de pedra – e pelo nascente presa ao frontispício da igreja, que olhava e olha para poente. § Tambem lhe addicionaram uma torre, pois só tinha um campanario de duas sineiras que rematava a frontaria do templo. § Houve todo o cuidado de respeitar seu estylo architectonico, pelo que a sua frontaria actual é com pequena diferença a mesma que tinha antes da ampliação. Apenas se avançou alguns metros para a frente, conservando o seu elegante portico, hoje mais vistoso e desafrontado, com as suas quatro ordens de columnas e correspondentes arcadas firmes em capiteis muito ornamentados, representando cabeças de boi e outros animais, tudo de granito, e superiormente a fresta do velho templo, no mesmo estylo do portico. §".

Uma apreciação geral da cabeceira de Vila Boa de Quires, de clara estrutura românica (formada por dois tramos, com abobada sustentada por um arco toral apoiado sobre pilastras ornadas com palmetas relevadas nas impostas), dá-nos uma clara ideia daquilo que foi o concei-

to de "horror ao vazio" pós-tridentino, muito embora esteja aqui representado por elementos que vão do século XVII ao XIX. O retábulo-mor neoclássico é o elemento mais tardio, embora integrando na sua composição dados de outras épocas. Santo André e São Pedro ladeiam



## A IMPORTÂNCIA DA COR NO ROMÂNICO

Não nos podemos esquecer que o espaço sacro românico raramente se apresentava despido. À policromia dos próprios paramentos juntavam-se têxteis. O aspeto limpo da pedra no interior das igrejas derivava de uma leitura recente, datável das intervenções de restauro do século XX. Apesar do caráter algo *naïf* que apresenta, a policromia do arco triunfal românico desta Igreja pode-nos facultar um bom exercício mental de como se apresentaria, na realidade, a escultura arquitetónica do nosso românico.



uma tela de grandes dimensões, alusiva à Adoração do Santíssimo Sacramento e do Cordeiro Místico por dois anjos. As paredes laterais foram-se de um revestimento azulejar característico da primeira metade do século XVII, no qual se desenha uma composição geométrica tipo “tapete” em tons de azul e amarelo sobre fundo branco. Completa-se o conjunto com as pinturas da abóbada da cabeceira, datáveis do primeiro quartel do século XVIII, que narram, em oito quadros, cenas do Processo e da Paixão de Cristo, cujo percurso iconográfico termina na pintura mural existente sobre o arco triunfal, na nave. Apesar do seu caráter pouco erudito, trata-se seguramente de um curioso e excêntrico registo de pintura de revestimento que transporta para a abóbada pétreo um trabalho geralmente associado ao trabalho de marcenaria, carpintaria e talha, no caso do artesoado. Na nave vemos três altares. Os colaterais reaproveitam elementos estruturais e ornamentais de feição maneirista e barroca.

O do lado esquerdo do observador voltado à capela-mor dedica-se à Virgem das Dores e o do outro lado à Virgem do Rosário de Fátima. Ainda na nave, do lado esquerdo, e perto do púlpito, está embutido na parede um outro retábulo onde a imagem do Sagrado Coração de Jesus esconde uma pintura, de transição do século XVII para o XVIII, com o arcanjo Miguel a pesar as Almas que há-de levar para o Paraíso.

Ao longo das paredes laterais da nave, algumas mísulas comportam imagens que apelam à devoção comunitária local, como São Nuno de Santa Maria, a Imaculada Conceição, Santo António de Lisboa e São José, ambos transportando o Menino Jesus ao colo. Juntam-se-lhes uma Virgem das Graças, um Menino Jesus Salvador do Mundo e, entre outras, uma Santa Teresinha do Menino Jesus e um São Francisco de Assis.



### A NÃO PERDER

• 1 km: Obras do Fidalgo (p. 276)